

AVALIAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS NA ESCOLA: *UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL DE ALTERNÂNCIA EM PETROLINA-PE*

INTERNAL AND EXTERNAL EVALUATIONS AT SCHOOL: A CASE STUDY AT THE STATE OF PERNAMBUCO ALTERNATIVE SCHOOL IN PETROLINA-PE

Raimunda Aurea Dias de Sousa¹

Débora Cristina Guedes²

Resumo

O presente trabalho propõe uma discussão sobre os resultados das Avaliações Internas e Externas na Escola em estudo, de modo a contribuir para ações de intervenção no ensino por parte da Gestão escolar. A questão foi levantada, a partir dos resultados incompatíveis entre as aprovações obtidos pelas Avaliações Internas e pelos Sistemas de Avaliações de larga escala. Nesse sentido, para comparação de dados estatísticos utilizou-se, o 9º ano do Ensino Fundamental, e o 3º ano do Ensino Médio. No contexto de análises, as informações foram adquiridas no Sistema de Avaliação do Estado de Pernambuco (SAEPE) e Sistema de Informações da Educação de Pernambuco (SIEPE).

Palavras-chave: Avaliações. Ensino-aprendizagem. Incompatibilidade. Percepção.

Abstract

This work aims to suggest a debate on the results of Internal and External Evaluations at the hereinabove mentioned school, in order to contribute eventual actions of interventions in the education on the part of the school management. The issue has raised from the incompatible results between the approvals obtained by Internal Evaluations, as well as by the Large-Scale Evaluation System. In the comparison of statistical data, both the 9th grade of Elementary School and the 3rd grade of High School have been used. In this context of analysis, the information was acquired in the Evaluation System of the State of Pernambuco (SAEPE), and the Education of the State of Pernambuco Information System (SIEPE), as well.

Key words: Evaluation. Teaching/Learning. Incompatibility. Perception.

Introdução

¹ Professora Adjunta do Colegiado de Geografia e do PPGFPPI – Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina. E-mail: aurea.souza@upe.br

² Graduada em Geografia pela Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina com especialização em Ensino de Geografia pela mesma Instituição. Especialista em Educação UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: debora-cristina-guedes@bol.com.br.

O papel da educação a cada dia é remodelado, e continua, numa sucessão constante teórica e metodológica. Por isso, todo o processo de ensino-aprendizado precisa operar com um modelo de interpretação em que o aluno seja responsável por sua própria aprendizagem. O ensino/educação atual tem de responder as perguntas que a sociedade faz hoje, já que as escolas, os alunos e o mercado de trabalho são indissociáveis no processo de formação de homens e mulheres. Diante disto, como formar e como instruir-se, se tornou mais significativo do que o que ensinar e o que aprender (CALLAI, 2003).

Assim, a avaliação do ensino-aprendizagem enquanto parte fundamental do processo sistematizado do saber é hoje, sem dúvidas, um dos temas mais discutidos na atualidade, e, sobretudo na modalidade escolar. Tornou-se “alvo” de muitas pesquisas, e têm servido como parâmetro para estudos de caso em relação à aplicabilidade e resultados. E estas análises buscam observar principalmente as intromissões da gestão na escola, frente uma geração que precisa manter um olhar espacial e adiante.

Nessas circunstâncias, o reconhecimento da aplicabilidade da *avaliação*, e a atenção para a efetividade da mesma, se mostram cada vez mais explícita. Pois, além de ser um componente importante no processo de ensino, pode servir como forma de aprimoramento do corpo escolar, e como uma das fontes de direção para compreensão das dificuldades e das habilidades do processo educacional (SOUSA, 2009).

Considerando as temáticas a respeito da *avaliação* do conhecimento, o presente artigo tem como objetivo apresentar a disparidade entre os resultados das avaliações internas e externas na escola, expondo as implicações do aluno quando não está preparado para responder, inferir e interpretar as avaliações externas. Também, registrar o que o corpo escolar tem feito para continuar a cumprir o papel de averiguação diária do conhecimento do aluno e, ao mesmo tempo, prepará-lo para as avaliações padronizadas. Assim, também será rememorado o processo de inovação escolar através de provas e avaliações.

A avaliação da aprendizagem apresentada como elemento para tomadas de decisões é uma tática muito recente. Surgiu a partir do século passado com definições: *exame/prova* e *avaliação*. *Exame* era todo tipo de procedimento escolar sistematizado no decorrer dos séculos XVI e XVII. E *avaliação*, surge em 1930, pelo tecnicista Ralph Tyler que buscou chamar atenção para o trabalho mais atento e minucioso para com os alunos diariamente. Tyler estava preocupado com os números de reprovações e insucessos educacionais de sua

geração, pois somente 30% dos estudantes eram aprovados e anualmente 70% das crianças “supostamente” não aprendiam com o procedimento sistematizado de provas (LUCKESI, 2011).

Outro exemplo é que, há dez anos, os professores utilizavam *provas/exames* para monitorar o desempenho do alunado, por meio de métodos de memorização. Eram feitos *quizzes* como forma de demonstração dos resultados das aulas, onde os alunos participavam de uma espécie de disputas a fim de responder a maior quantidade de questões já prontas e repetitivas. No decorrer das atividades, os docentes “detectavam” quem sabia de cor as respostas; e viam onde estavam as maiores dificuldades no aprendizado dos alunos/disputadores. Porém, as exigências através desse método eram mínimas, e, por isso não atendia a preparos dos alunos para responder a provas externas e padronizadas (RUSSELL; AIRASIAN, 2014).

Diante de todas as lacunas a serem preenchidas no sentido de avaliar o conhecimento dos alunos, precisou-se repensar a *avaliação* como um critério de caráter diário com uma “somatória” do aprendizado, desde o comportamento do quesito disciplina, ao acompanhamento e desenvolvimento nos conteúdos trabalhados. Contudo, se dissociando da característica principal da *prova/exame* padronizada, que por sua vez, busca classificar o aluno de acordo com as respostas corretas e incorretas aos questionamentos apresentados na fase, onde a finalidade é torná-lo pronto para avançar ou regredir de uma sequência para outra com base num único resultado (LUCKESI, 1997).

Tendo em vista a complexidade e a relevância do ato avaliativo, o processo de ensinar e aprender são alterados substancialmente por se fazer necessária a reflexão em torno da concepção/critérios avaliativos que se quer adotar. Pois é uma atividade contínua da rotina em sala de aula, essencialmente. Dessa maneira, considerar as práticas e consequências da avaliação é uma passagem para um nível de educação a ser vivenciado e seguido pela escola; sendo então, um plano pedagógico do corpo escolar. Assim, entre os principais objetivos da avaliação estão: o planejamento, a condução das lições, sequência didática, planejar e conduzir, *feedbacks* dos alunos no decorrer das aulas, organização dos alunos em sala, diagnosticar os avanços e “deficiências” no aprendizado, dentre outros aspectos (SOUSA, 2009).

Nessas novas concepções sobre a *avaliação e prova*, paradoxalmente, caminha a importância dos quesitos: avaliar, e ao mesmo tempo, ter cuidado em classificar. Pois, pode-se correr o risco de “taxar”, ou separar os alunos em níveis de aprendizado através de um olhar específico apenas do professor através dos seus próprios métodos de ensino. Então, há uma preocupação tanto no papel central do professor, como no papel do aluno em relação ao desenvolvimento do seu próprio aprendizado, e seu ritmo de conteúdos a serem organizados para a avaliação diária de ambos agentes da educação. (LUCKESI, 2011; RUSSELL; AIRASIAN, 2014).

Portanto, há uma diferença entre avaliar, e aplicar provas. Podendo então partir do conceito de que *provas* padronizadas se estabelecem no enquadramento de padrões de conteúdos, quadros curriculares, e que definem o conhecimento e habilidades dos estudantes em determinada matéria e série, sendo então um processo sistemático para coletas de dados. Em contraponto, em sala de aula professores tomam decisões e partem das disposições em separar os alunos em grupos, repreendê-los, atribuir tarefas, dentre várias outras ações [planejadas] para uma convivência agradável, e para o fluxo da aprendizagem (RUSSELL; AIRASIAN, 2014).

Ainda seguindo a linha de raciocínio de Russell e Airasian (2014), a avaliação em sala de aula acontece por três domínios principais. Sendo eles o domínio cognitivo, afetivo e psicomotor:

O domínio cognitivo engloba atividades intelectuais, como memorizar, interpretar, aplicar conhecimento, solucionar problemas e pensar criticamente. O domínio afetivo envolve sentimentos, atitudes, valores, interesses e emoções. O domínio psicomotor inclui atividades físicas e ações em que os alunos manipulam objetos como uma caneta, um teclado ou um zíper (ibid., 2014, pag. 15).

Diante disto, além da percepção com os métodos da *avaliação* em classe que a princípio é seguida através das próprias técnicas do docente, também permeiam preocupações com a interação da coletividade, de sua forma democrática em mediar as situações, a fim de possibilitar o crescimento de todos os integrantes do grupo e estabelecendo a confiança mútua, para a internalização dos conhecimentos (STEDILE, 2009).

Logo, além dessa harmonia sistematizada em sala, o professor ainda deve atentar para o preparo dos alunos para as *provas* padronizadas. Onde todos são avaliados da mesma forma, dentro da sua série ou nível de ensino, independentemente do seu ritmo ou modo de aprendizado. E, concomitantemente a isso, aprender a praticar a avaliação em sala, torna-se

uma tradução dos atos do cotidiano, e abrangência do desenvolvimento intelectual do aluno (LUCKESI, 2011).

Pedro Demo, nessa mesma linha de raciocínio, fala da funcionalidade e aplicabilidade da *prova/exame* sob a visão do aluno, onde para este permeiam como “[...] Seu horizonte de estudo desenhado pelo professor, o que torna a este um autêntico fetiche acadêmico” (2011, pag. 7). Neste contexto, o que será cobrado é algo pronto e acabado; privando assim o aluno de (re) formular suas próprias respostas de forma crítica e individual.

No Brasil, baseado no Ministério da Educação e Cultura – MEC compõe-se de algumas provas de avaliação de larga escala, também denominada Avaliação de Sistema. O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) - avalia a cada dois anos a qualidade, equidade e eficiência do ciclo de alfabetização das redes públicas a alunos da 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e da 3ª série do Ensino Médio. Esta prova busca avaliar os alunos em Matemática e Língua Portuguesa, Ciências, História, Geografia, Física, Química e Biologia. (MENEZES, 2001)

Também a Prova Brasil, que oferece resultados por escola, município, Unidade da Federação e país que são utilizados no cálculo do Índice de desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. A Provinha Brasil, como também é conhecida, é uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas no segundo ano de escolarização das escolas públicas brasileiras, e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)³ que por sua vez, avalia os alunos do Ensino Médio, e, além disso, é utilizada a nota somatória para o ingresso na Universidade.

No contexto deste trabalho, serão tomados como base, dados de resultados do Sistema de Avaliação do Estado de Pernambuco (SAEPE)⁴; e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Todas as escolas do estado de Pernambuco passam anualmente pela avaliação externa do SAEPE, e tem por finalidade avaliar os alunos, professores das turmas avaliadas, e gestores das redes Estadual e Municipal nas 2ª, 4ª e 8ª séries ou 3º, 5º e 9º anos do Ensino Fundamental, 3º ano do Ensino Médio e 4º ano do Normal Médio incluindo os projetos de

³ Informação extraída do site oficial do Ministério da Educação e Cultura – MEC. Disponível em: <https://www.mec.gov.br/>.

⁴ Informação extraída do site da Secretaria de Educação da GRE do Sertão Médio do São Francisco. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=107>.

correção do fluxo escolar. A prova busca monitorar o padrão de ensino, leitura, interpretação e cálculos de toda a educação Básica do Estado de Pernambuco.

Para tanto, servem como direcionamento para as gestões escolares e professores de toda rede estadual para tomadas de decisões importantes tanto para os alunos como para os professores e diretores. Dentre as avaliações e decisões estão: Qualidade de ensino, gestão escolar, nível de aprendizado, métodos e metodologias dos professores, nível de interpretação dos alunos, dentre outras questões.

Nos Estados Unidos, leis federais, como o *No Child Left Behind Act United States of America* (2002, apud Russell; Airasian, 2014), a avaliação em matemática e inglês acontece anualmente para alunos da 3ª à 8ª série. Algumas escolas podem ser fechadas se obtiverem resultados muito baixos, e/ou diretores serem dispensados. Para os alunos, pode servir como parâmetro para a não progressão de série, e para o ensino médio, não receber o diploma de conclusão do ensino básico. Além dessa lei, o *Race to the Top Assessment*, provê até US\$ 350 milhões para testes avaliativos nas escolas de cada Estado, e comparação dos níveis de ensino aprendizado entre os Estados. Os resultados adquiridos são utilizados para determinar quanto cada Estado receberá de investimento na Educação (RUSSELL; AIRASIAN, 2014).

Neste contexto, nos resultados e discussões deste artigo, serão tomados alguns pontos principais de reflexão, para que seja observado o que na prática a escola vive e lida:

1. Por que muitas escolas apresentam bons resultados nas avaliações internas, e nas externas os dados provam o contrário?
2. O que a gestão escolar e os professores tem feito para trabalhar simultaneamente a avaliação diária, e a preparação dos alunos para os exames externos?
3. Em algumas escolas, a avaliação diária [feedbacks dos alunos nas aulas, organização, disciplina, avanços e “deficiências” no aprendizado, etc.] é o parâmetro principal de somatória de notas dos alunos. Noutras, provas padronizadas são critérios principais. Assim, alunos de diferentes sistemas de preparação, estarão prontos para competir em pé de igualdade nas provas externas padronizadas, como por exemplo, no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?

Para tais discussões, neste artigo será apontada a incompatibilidade entre os resultados das avaliações internas e externas na Escola Estadual de Alternância, e certificar o que a Gestão escolar tem feito junto aos professores para compreender os resultados obtidos. Assim

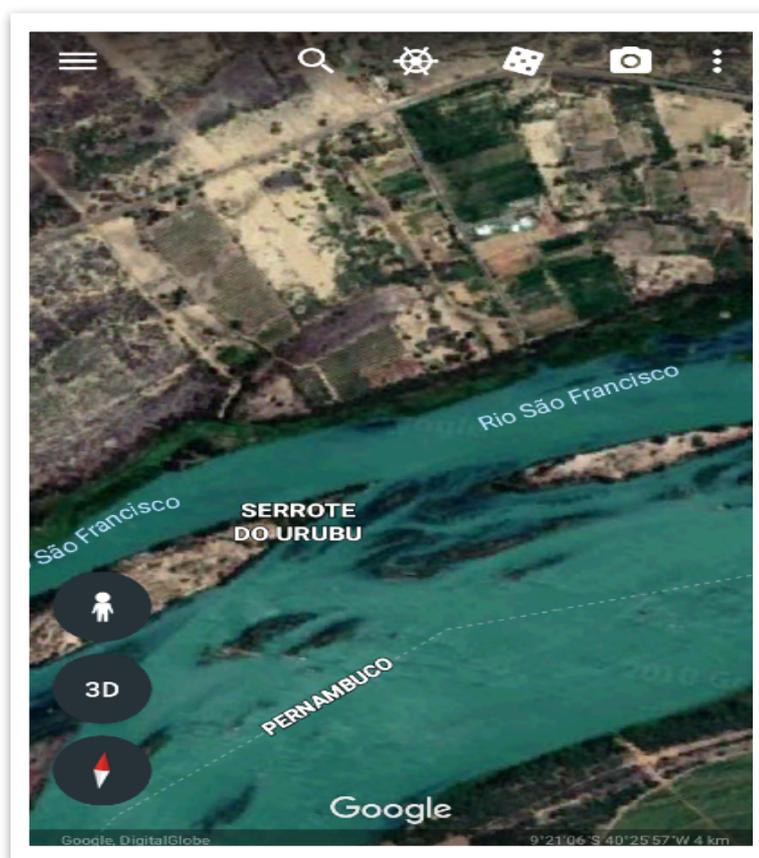
como indagar sobre as dificuldades dos alunos têm se apresentado nessas questões. E, sobretudo, o que tem feito na prática para lidar com a função de avaliar e prepara-los para as avaliações classificatórias.

Materiais e métodos

ÁREA DE ESTUDO

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual de Alternância, localizada no Serrote do Urubu, Zona Urbana da cidade de Petrolina – PE na Estrada das Pedrinhas Km 20. Está a 09°21'46" de latitude sul e 40°22'03" de longitude oeste, a uma altitude de 367 metros. Faz parte da área de agricultura irrigada em Petrolina, e fica a poucos metros da margem do Rio São Francisco.

Figura 1. Serrote do Urubu, Zona Urbana de Petrolina – PE



Fonte: Google Earth.

A Escola Estadual de Alternância foi fundada em 1982, possui uma Unidade Polo, e duas Unidades Satélites: FUNASE/CASE e FUNASE CENIP. As Unidades Satélites contemplam o Ensino Fundamental II. O campo de estudo deste artigo será na Unidade Polo –

Projeto Terapêutico para Crianças e Jovens - PROJETO PROTEJA, localizada na Associação ÁGAPE.

A Unidade Polo hoje contempla o Ensino Fundamental II- Anos finais (9º ano), Ensino Médio, e Educação de Jovens e Adultos – EJA, e atende as comunidades circunvizinhas desde a comunidade de Porto da ilha à Poço da Cruz que estão nas adjacências do prédio. O Projeto tem parceria com a Secretaria de Educação, e foi preestabelecido com o objetivo de acompanhar Crianças e Adolescentes com uma pedagogia diferenciada. A abrangência principal seria para atender o alunado com trajetória de rua, em conflito com a lei, além de prepará-los para o exercício da cidadania e a inclusão social.

Atualmente, a Alternância trabalha com o quadro de 38 funcionários no total. E tem o objetivo de trazer às comunidades um ensino de qualidade com professores capacitados e Gestão eficiente. Atende em média 240 alunos entre os turnos matutino, vespertino e noturno. Além do ensino regular, a escola também oferece no contra turno o Programa Mais Educação que acontece como reforço em Língua Portuguesa, Matemática e Vôlei. E, ao mesmo tempo em que a escola oferece oportunidades de emprego para alguns moradores das comunidades circunvizinhas, oferece uma educação de qualidade.

Esse trabalho será desenvolvido em turmas específicas pelo fato de passar por avaliações internas [progressões e reprovações]. E, concomitantemente, externas (SAEPE e ENEM) anualmente. Portanto, serão tomadas como base para análise turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e 3º série do Ensino Médio.

Figura 2. Escola Estadual de Alternância, local deste estudo



Fonte: as autoras

Procedimentos metodológicos

O trabalho foi desenvolvido com análises de dados específicos dos últimos 3 (três) anos de avaliações da Escola Alternância: 2015, 2016 e 2017. Estes dados foram coletados pelos resultados de *provas/exames* do Sistema de Avaliação do Estado de Pernambuco (SAEPE) que avaliam anualmente as séries de 9º ano e 3º ano de toda rede pública de ensino em Pernambuco.

TABELA 1. RESULTADOS COMPARATIVOS DO SAEPE 2015, 2016 E 2017 DO 9º ANO DO ENS. FUNDAMENTAL (LÍNGUA PORTUGUESA E MATEMÁTICA)

9º ANO	9º ANO	9º ANO
LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA PORTUGUESA
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA

- **Elementar I: NOTAS ACIMA DA MÉDIA**
- **Elementar II: NOTAS NA MÉDIA**
- **Básico: NOTAS ABAIXO DA MÉDIA**
- **Desejável: META ESTIPULADA/ PRETENDIDA PARA A ESCOLA ALCANÇAR**

FONTE: (SAEPE). Adaptação: as autoras.

De acordo com os dados expostos da avaliação do SAEPE, no ano de 2015 percebe-se que, em Língua Portuguesa a meta “desejável” foi bem acima do resultado do Elementar I onde os alunos obtiveram de notas acima da média. Porém, as notas dentro da média [entre 6 e 7 pontos] foram bem significativas. Em 2016, a meta continuou a mesma, mas, novamente, a Elementar II ganhou destaque; e uma leve progressão foi observada no Elementar I, e dessa forma, o básico, alunos abaixo da média, perdeu força nos dados. Em 2017, a meta baixou, e mais uma vez, em Língua Portuguesa os alunos ocuparam maior espaço no Elementar II, e levemente acompanhando o Elementar I. Mas, vale ressaltar o aumento dos números do Básico [abaixo da média], ultrapassando as notas baixas de 2015.

Dos dados disponibilizados em Matemática, no ano de 2015 o índice desejável foi alto, estipulando uma meta audaciosa. E os resultados acima da média foram bem significativos. Mas, também ganhou destaque o Básico, abaixando assim a nota do 9º ano da escola em Matemática. No ano de 2016, a meta baixou na espera da superação das expectativas, e assim o Elementar II ganhou força, assim como o Elementar I, rebaixando então, as notas básicas abaixo da média. Em 2017 a meta desejável foi aumentada, e surpreendentemente as notas abaixo da nota avançaram com força, perdendo o destaque as notas Elementar I e Elementar II.

Dando continuidade à pesquisa das avaliações externas, foi feito também uma análise de dados de participação e aprovação de alunos do 3º ano do Ensino Médio no Exame

Nacional do Ensino Médio (ENEM), que avalia os alunos com a Educação Básica concluída, ao mesmo tempo em que se torna passaporte para o ingresso nas Universidades Públicas. Assim, a escola de Alternância dispõe de uma pasta de arquivos onde comporta os nomes e números de aprovados neste Exame.

Tabela 2. TOTAL DE ESTUDANTES MATRICULADOS NA ESCOLA, PARTICIPANTES DO ENEM, E ALUNOS APROVADOS NO EXAME

	2015	2016	2017
<p>➤ PARTICIPANTES: Inscritos e partícipes do ENEM. ➤ APROVADOS: ingressaram na universidade com a nota do exame. ➤ QNT. ALUNOS 3º ANO: alunos matriculados e frequentes no 3º ano do ensino médio.</p>			

FONTE: (Dados arquivados na escola). Adaptação: as autoras

Diante do exposto na tabela acima, percebe-se de um modo geral que o nível de inscrição e participação no Exame Nacional do Ensino Médio é escasso. Mesmo assim, o nível de alunos aprovados no vestibular teve um avanço notável em 2017. Como também, tornou-se aparente que, entre 2015 e 2017, maior quantidade de alunos se inscreveu. Considerando que em 2015 sessenta alunos concluíram o Ensino básico, trinta se inscreveram, e apenas três foram aprovados, despertou na Gestão a atenção maior ao incentivo da inscrição, além de despertá-los para os prós da aprovação.

Assim, em 2016, a Gestão em parceria com os professores incentivaram para as participações. Infelizmente não houve muito êxito, de 52 alunos matriculados, apenas 21 fizeram a inscrição e responderam a prova. Porém os que se disponibilizaram a participar conseguiram aumentar o índice de aprovados. Dessa vez, seis alunos embarcaram para o sonho da Universidade. Adiante, em 2017, em parceria com os cursinhos pré - vestibulares da região, a Escola de Alternância disponibilizou no prédio da escola, aos sábados, “aulões” de todas as disciplinas cobradas no ENEM, ministradas pelos professores dos cursinhos particulares. Dessa forma, de 55 alunos matriculados, 28 fizeram a inscrição, e

supreendentemente, 10 alunos foram aprovados nas Universidades da região do Vale do São Francisco.

De um modo geral, é um ponto ainda preocupante a não participação dos alunos, e a falta de empenho para ingressar na Universidade. E no mesmo caminho, o ENEM acaba se tornando uma avaliação externa que não consegue ter como base de elementos todos os alunos com a Educação básica concluída. Por não ser obrigatória a inscrição, e por uma pequena quantidade de alunos participarem.

Após análise e organização dos dados das avaliações de larga escala, SAEPE e ENEM, foram feitas coletas das aprovações e reprovações dos alunos do mesmo período de 2015 a 2017, das mesmas séries analisadas, 9º anos do Ens. Fundamental e 3º anos do Ens. Médio. A fim de fazer a comparação dos resultados entre as avaliações internas e avaliações externas.

Tabela 3. APROVAÇÕES E REPROVAÇÕES DOS 9º ANOS E 3º ANOS – 2015 - 2016 e 2017

2015	2016	2017

Fonte: (SIEPE). Adaptação: as autoras.

De um modo geral, de uma forma bem sintética, as informações acima expostas elucidam um pequeno ou quase irrisório índice de reprovações na Escola. Isso não é um dado que preocupa, pelo contrário, aponta muitas progressões plenas. Mas o que não caminha junto com esta mesma realidade, são as avaliações externas.

Para tanto, em 2015, percebe-se que nas séries de 9º ano não houve nenhuma reprovação, em 2016, poucos alunos, e novamente nenhuma em 2017. Nas séries de 3º ano, referindo-se aos 3 anos em estudo, não houve um equiparado entre aprovações e reprovações, no entanto, nota-se que o índice de reprovados foi diminuta.

E para ir além de dados numéricos, foram feitas entrevistas não estruturadas com alguns membros importantes no processo de avaliação e registros dos resultados para entender o que têm sido feito para tentar nivelar essa dessemelhança entre os resultados das avaliações.

Foram então ouvidos, a Secretária e a Gestora da escola, dois professores, um de Língua Portuguesa e outro de Matemática, e dois alunos, um do 9º ano do Ensino Fundamental, e outro do 3º ano do Ensino Médio. As entrevistas serão destrinchadas nos Resultados e Discussões.

Esta é uma Pesquisa documental, pois foram usadas fontes primárias como: documentos oficiais, publicações administrativas, fontes estatísticas, e arquivos particulares. E nesse processo, após a formulação do problema, foram feitos manuseios e organizações das coletas de dados, e feita a escrita do trabalho (GONÇALVES, 2005).

Nesse sentido, o trabalho foi desenvolvido na Escola nas seguintes etapas:

- Apresentação do propósito de pesquisa à Gestão da Escola que sucedeu o estudo de caso;
- Pesquisa e coleta de dados dos resultados do SAEPE, dos últimos 3 (três) anos;
- Pesquisa e coleta de dados dos resultados de participação e aprovação de alunos no ENEM, dos últimos 3 (três) anos;
- Composição e organização dos dados do SAEPE e ENEM através de gráficos.
- Pesquisa e coleta de dados dos últimos 3 (três) anos, dos resultados de aprovação e reprovação dos alunos das séries do 9º ano do Ensino Fundamental, e do 3º ano do Ensino Médio;
- Comparação dos resultados.
- Entrevista com a Gestora, Secretária da Escola, Professores de Língua Portuguesa e Matemática, e alunos das turmas avaliadas.

Esta escola foi escolhida para campo de estudo, porque a mesma utiliza como principal somatório de notas a *avaliação* diária, sensível e flexível aos avanços e regressos dos alunos. Depois, é feito a soma com as provas padronizadas obrigatórias de cada disciplina, a cada unidade. E, nessas condições, vêm apresentando nos últimos anos, a incompatibilidade entre os resultados das avaliações internas, e os resultados das provas externas.

O projeto de pesquisa partiu de uma inquietação exposta pela Secretária da Escola em questão, que desabafou sobre o progresso e altos índices de aprovações dos alunos anualmente. E que isto não condizia com os baixos resultados obtidos nas avaliações externas. Como também, os alunos que concluíam o ensino médio não se sentiam estimulados a participar do ENEM, e os que participavam não conseguiam obter boas notas.

Portanto, foi feita a proposta de pesquisa à direção da escola, e como ponto de partida disponibilizou os dados arquivados das avaliações, que serão usados como material base para a análise de comparação do presente trabalho. E se dispôs para todas as questões da apreciação.

Nesse sentido, foi usada a plataforma do Sistema de Informações do Estado de Pernambuco – SIEPE, onde hospeda os dados anuais de cada Escola do estado de Pernambuco. Essa plataforma organiza e monitora todas as informações das Escolas, sejam das provas externas, sejam das provas internas. Cada escola possui um código de acesso, e ao fim de cada ano letivo a Gestão deve disponibilizar os dados de desempenho de cada aluno. Como também os resultados das provas do próprio Sistema de Avaliações do Estado de Pernambuco - SAEPE.

Nela pode ser também encontrada os perfis das turmas que são avaliadas, e possuem gráficos e tabelas com dados comparativos da escola para com todas as outras da cidade, para com todas as do estado, também, dados de quantidade de alunos presentes e ausentes no dia da prova. A cada ano que os resultados são disponibilizados, e para uma visão macro são expostos gráficos com os resultados dos últimos 3 (três) anos da prova na escola.

Os resultados devem ser tomados como parâmetro para o planejamento anual da Escola, principalmente para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Pois o objetivo principal das provas externas é verificar o fluxo e nível da educação diante das Diretrizes educacionais. E nesse sentido, espera-se que o professor se preocupe em avaliar o aluno de acordo com os conteúdos oportunos à série, mas também todo o desenvolvimento dele durante as aulas. Mas, não deslembrar o comprometimento em prepara-los para as provas padronizadas de vestibulares, concursos etc.

Pedro Demo quando faz alusões à Lei de Diretrizes e Bases (LDB), busca atentar para as caracterizações do processo de ensino aprendizagem, onde são postas neste documento a reserva do primeiro termo para o professor, e do segundo para o aluno. Assim, a partir desta

interpretação, entende-se que se espera do professor medidas de transmissão, socialização do conhecimento, treinamento e instrução. E, do aluno, uma postura receptiva e obediente, com estilo performativo domesticado, tornando-o passivo e alienado a conceitos impostos (DEMO, 2001).

Nessas condições, foram propícias as entrevistas com a Gestão e Professores numa data de Reunião escolar. Pois, se discutiam justamente esses desconexos entre os resultados das avaliações de unidades e semestres, as notas da escola obtida através do SAEPE, e a pequena quantidade de alunos que participavam e conseguiram êxito no ENEM. E por se tratar de uma entrevista não estruturada, as perguntas não foram padronizadas para todos os participantes; foram desenvolvidas em forma de diálogo.

Pois segundo Manoel Fernandes (2008) e Luckesi (2012), as aulas e tudo que nela cabe é um processo, e não um produto, não é coisa que possa ter finalidade plenamente determinada, ainda que tenha fim. Sendo assim, os alunos, professores e Gestão planejam e participam de todos os conjuntos educacionais de forma indissociável. E diante disso tudo, esperamos os melhores resultados nas avaliações, entretanto, ela não avaliará tão somente o desempenho do aluno, mas de todo o processo.

Cabe salientar que este artigo não busca desmerecer o uso integral das avaliações diárias e não padronizadas. Pelo contrário, a proposta é expor a importância da avaliação diária e individual para todos os alunos, mas, atentar também na preparação dos docentes para interpretar e responder com sucesso as provas externas com um olhar mais contextualizado que é uma das características demandadas dos exames.

Resultados e discussão

A princípio, o objetivo da exposição dos dados, gráficos e tabelas, é ilustrar as disparidades entre os resultados das avaliações internas e externas. E, sobretudo, expor a urgência em ser pensada uma preparação do aluno de uma forma contextualizada, no sentido de fazê-lo compreender questionamentos fora do que está habituado com as dinâmicas do professor em sala de aula.

E foi possível constatar diante dos dados que, em relação aos resultados do SAEPE nos anos de 2015, 2017 e 2017, o avanço foi tímido, porém importante. A escola ainda se preocupa com os baixos rendimentos porque essa é uma das funções do ensino-aprendizagem,

preparar os alunos para além da sala de aula, para que ele compreenda o mundo de uma forma mais abrangente. E nas aprovações no Ensino Nacional do Ensino Médio, a melhora foi um pouco mais importante, porém o número de participações na prova ainda é muito baixo. A escola tenta estimular mostrando que a Educação básica é só o começo do ciclo, porém, ainda há muita resistência.

E em contraponto, nos dados coletados sobre aprovações e reprovações da Escola de Alternância, aparecem as baixas reprovações no fim de cada ano. Em nenhuma das turmas analisadas foram vistos mais de 4 ou 5 reprovações, por exemplo. É uma compreensão disparatada, pois uma aprovação de contexto geral significa que o aluno está apto a seguir com os conteúdos da série compreendida.

Nesse contexto foram feitas entrevistas com professores e gestão da escola para entender quais impressões os mesmos carregam sobre todo o contexto, e o que tem sido feito para a tentativa de melhoramento da questão. Pois as decisões a serem tomadas após os resultados são necessárias, porque essa é uma das maiores importâncias da avaliação, ter os efeitos dela como base para as próximas deliberações. Para isto, as decisões somente serão válidas se as informações forem consistentes, e para uma decisão válida, deve haver informações confiáveis. (RUSSELL; AIRASIAN, 2014).

Em relação a possível causa, a Secretária responde a seguinte questão:

Por que muitas escolas apresentam bons resultados nas avaliações internas, e nas externas os dados provam o contrário?

- É um questionamento complicado, porém precisa ser encontrada uma resposta e solução. Mas, o que conseguimos de um modo geral enxergar é que os alunos se habituam às aulas e “macetes” dos professores para responder as provas elaboradas pelo docente, e, a partir das revisões, os alunos já compreendem mais ou menos como as provas virão. Quando se deparam com as avaliações externas, sem ajuda do professor, com questionamentos sobre a mesma coisa, porém perguntada de outra forma, o aluno já não consegue mais inferir. Por isso, os resultados inconsistentes.

Sobre a possível dificuldade de o aluno compreender de forma contextualizada as avaliações externas, a Professora de Língua Portuguesa propõe:

- A questão crucial que notamos atualmente é que a população brasileira, especialmente, não tem gosto pela leitura. E a adolescência e juventude na sua grande maioria supera ainda mais essa impressão. E a característica principal das avaliações externas são textos extensos, e bastante contextualizados, assim, os alunos justificam não ter “paciência” para lê-los. Em sala de aula quando propomos essas leituras, eles ficam dispersos, e há uma resistência muito grande para esse tipo de trabalho.

Sobre o trabalho do professor em preparar os alunos pensando como serão avaliados para além da escola, em vestibulares e concursos, por exemplo. O professor de Matemática responde a seguinte questão:

O que a gestão escolar e os professores tem feito para trabalhar simultaneamente a avaliação diária, e a preparação dos alunos para os exames externos?

- Fizemos nos últimos dois anos, 2016 e 2017, parceria com professores renomados de cursinhos de pré-vestibulares da região, onde oferecemos aulas aos sábados de forma gratuita, a fim de incentivá-los a participar do ENEM e sonhar com uma graduação. A propósito, podendo ser confirmada essa informação, tivemos nos últimos anos maiores aprovações dos nossos alunos em Faculdades, Cursos Técnicos e Universidade. Acreditamos que pode ser um caminho bom tanto para o incentivo, como para o índice da própria escola em se despedir dos terceiros anos com gratidão. No caso dos nonos anos, é a mesma questão da falta de hábito de leitura, e interesse em tentar entender o que as questões pedem. Mas temos nos esforçado bastante para trabalhar de uma forma diferente, mas ainda há resistência.

Por fim, todos que responderam as questões anteriores entraram num consenso sobre a seguinte questão:

Em algumas escolas, a avaliação diária [feedbacks dos alunos nas aulas, organização, disciplina, avanços e “deficiências” no aprendizado, etc.], é o parâmetro principal de somatória de notas dos alunos. Noutras, provas padronizadas são critérios principais. Assim, alunos de diferentes sistemas de preparação, estarão prontos para competir em pé de igualdade nas provas externas padronizadas, como por exemplo, no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?

- Sabemos que a realidade de preparação dos nossos alunos é muito diferente do público alvo de uma escola particular, ou integral, por exemplo. São realidades dessemelhantes, e por isso há sempre um pé de desigualdade nessa “disputa”. Enquanto nossos alunos são preparados por nós durante 5 aulas por dia na semana, enfrentando recursos muitas vezes escassos, os que fazem parte de outra realidade pagam caro por reforços em cursos de inglês, redação, matemática, pré-vestibular etc. Então não há como não ser igual e a ampla concorrência ser parecida. Apesar de que temos e já tivemos aqui na nossa Escola alunos altamente interessados e almejavam cursos de graduação com notas de corte altas como as Engenharias, por exemplo.

Assim, diante do exposto nas falas, é possível ver que há como propor estabelecimento dos caminhos possíveis, instrumentos ou ferramentas de verificação da aprendizagem, para uma ação diagnóstica calcada na ação-reflexão-ação. Portanto, as tomadas de decisões a partir dos resultados obtidos, precisam ser direcionadas para um processo de transformação, e, as dinâmicas também devem ser adotadas para consequimento de uma decisão coletiva (SOUSA, 2009).

Considerações finais

Este trabalho não teve a intenção de enaltecer, classificar ou desmerecer o método de avaliação apenas do professor. E, sim, refletir e apontar sobre a necessidade de preparação do aluno para além da sala de aula, para que de forma contextualizada ele saiba inferir e interpretar questões características das avaliações externas.

É sabido que a exigência para com o professor e todo o corpo escolar, no geral, é imensa. E que atualmente é desafiador trabalhar com uma juventude bastante imediatista, onde a escola precisa ser lúdica e atraente todos os dias, para que o professor execute seu trabalho, e os alunos aprendam, conseqüentemente.

Nessas problemáticas, é essencial manter alternativas para o equilíbrio entre avaliar e preocupar-se com a preparação do aluno para processos classificatórios, tanto no âmbito educacional, como também para o mercado de trabalho cada vez mais exigente. Desta forma, a avaliação do ensino-aprendizagem apresenta formas de observação que requer instrumentalizações para expor sua relevância como uma fonte estratégica para tomadas de decisões na educação.

Neste artigo não se buscou deixar subtendido que a avaliação diária do professor, a partir das observações comportamentais, cumprimento de atividades, dentre outras propostas, não sejam essenciais para o processo educacional. Pois isso é necessário para o desenvolvimento do aluno em todas as etapas de ensino.

A proposta fundamental foi apresentar a importância dos resultados das avaliações internas estarem compatíveis com os das avaliações externas. Porque é para a vida afora que a escola prepara o aluno, e em todas as esferas de avaliação que eles passarem, precisará estar pronto a responder a provas padronizadas que os classificarão de alguma maneira.

Referencias

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. **Avaliações da aprendizagem**. <http://portal.mec.gov.br/pdde/190-secretarias-112877938/setec-1749372213/18843-avaliacoes-da-aprendizagem>. Acesso em: 07 jan. 2018

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

DEMO, P. A Pedagogia do Coletivo e suas panaceias notáveis. In: Demo, P./La Taille, Y./Hoffmann, J. (Org.). *Grandes Pensadores em Educação - O desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação*. Porto Alegre: **Mediação**, 2001, v. 1, p. 35-66.

EDIÇÕES SM BRASIL. **Avaliação da aprendizagem** – Cipriano Luckesi. 6. fev. 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JqSRs9Hqgtc>>. Acesso em: 28. mai. 2017.

GONÇALVES, Alba Lúcia e LARCHERT, Jeanes Martins. **Avaliação da aprendizagem**: Pedagogia, módulo 4, volume 6 – EAD. Ilhéus, BA: EDITUS, 2011, p.17- 43.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica/Hortência de Abreu Gonçalves**. – São Paulo: Avercamp, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem: Componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes Saeb (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/saeb-sistema-nacional-de-avaliacao-do-ensino-basico/>>. Acesso em: 04 de mai. 2018.

NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2ª ed.. Campina Grande: Bagagem, 2008.

RUSSELL, Michael K.; AIRASIAN Peter W. **Avaliação em sala de aula: conceitos e aplicações**. – 7. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: AMGH, 2014.

SOUSA, Sandra M. Zákia L. Qualidade da educação, Gestão democrática e avaliação. Avaliação Institucional: *Autoavaliação e Avaliação Externa*. **Grandes temas da educação nacional**. Ano XIX – Nº 9 – Agosto/2009.

STEDILE, Maria Inez. **O professor como gestor da sala de aula**. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE na área de Pedagogia. Maringá/PR -2008/2009.